

TEORIA GERATIVA E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Maria Vanessa Soares de Oliveira ¹
Jocimario Alves Pereira ²

RESUMO

No presente trabalho, abordaremos a questão da aquisição da linguagem e como está nos é inata, segundo a perspectiva gerativista, desenvolvida pelo linguista Noam Chomsky. Com base nessa teoria, buscaremos mostrar como o fator social presente no gerativismo age sobre o instinto da linguagem e resulta no desenvolvimento da língua, e como este se diferencia das concepções estruturalista e behaviorista; também será ressaltado o papel da gramática gerativa e normativa na contribuição do processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa. A técnica utilizada para viabilizar esse estudo é a de documentação indireta, que consiste numa pesquisa bibliográfica a respeito do processo de aquisição da linguagem pelo ser humano e como se dá esse fenômeno, segundo a teoria gerativa. Vimos neste trabalho que o fator social usado no gerativismo como responsável pelo amadurecimento da língua contrapõe-se as concepções estruturalistas e behavioristas, já que, nestas duas, a língua provém das relações sociais. Além disso, como possuímos uma gramática interna, procuramos entender como está se aplica em sala de aula, contribuindo, junto com a gramática normativa, para o ensino de língua portuguesa.

Palavras-chave: Língua; Inatismo; Gramática Gerativa.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, abordaremos a questão da aquisição da linguagem e como está nos é inata, segundo a perspectiva gerativista, desenvolvida pelo linguista Noam Chomsky. Com base nessa teoria, buscaremos mostrar como o fator social presente no gerativismo age sobre o instinto da linguagem e resulta no desenvolvimento da língua, e como este se diferencia das concepções estruturalista e behaviorista; também será ressaltado o papel da gramática gerativa e normativa na contribuição do processo de ensino/aprendizagem da língua portuguesa (NÓBREGA; LEITÃO, 2008; SILVA; GARCIA, 2015).

A técnica utilizada para viabilizar esse estudo é a de documentação indireta, que consiste numa pesquisa bibliográfica a respeito do processo de aquisição da linguagem pelo ser humano e como se dá esse fenômeno, segundo a teoria gerativa.

Este artigo encontra-se dividido em três partes. Na primeira parte, apresentaremos os pressupostos teóricos que fundamentam a proposta em estudo, indo desde o processo de aquisição da linguagem e os argumentos utilizados por Noam Chomsky para comprovar o

¹ Graduando do Curso de Letras Portugues da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mvanessasoliveira@hotmail.com;

² Mestrando do Curso de Química da Universidade Federal Rural de Pernambuco - UFRPE, mario.alves_@hotmail.com;

instinto da língua; até o surgimento da gramática gerativa, que descreve as propriedades linguísticas que possuímos internamente e nos faz aprender uma língua. Em um segundo momento, discutiremos como o fator social se apresenta na teoria gerativa e como este se diferencia, na aquisição da linguagem, das perspectivas estruturalista e behaviorista; também como a gramática normativa, até então utilizada em sala de aula, e a gerativa contribuem para o ensino/aprendizagem de língua portuguesa. E em terceiro, seguem as considerações acerca do que concluímos com este trabalho.

A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

A linguagem consiste em um fator determinante para a comunicação entre povos, agindo como um elo, unindo comunidade e nações, chegando a ser considerada a maior capacidade evolutiva da espécie humana, que ao usar símbolos para descrever um sentimento, uma ideia, etc., transforma o mental em expressão material, o que a diferencia de todas as demais espécies de animais. Em relação à aquisição desta, muitos linguistas apontam a linguagem como sendo produto inato ao ser, uma adaptação biológica exclusiva ao ser humano. Um dos maiores defensores da linguagem como instinto humano foi o linguista Noam Chomsky (2015), que em meados da década de 50 criou a Teoria Gerativa, a qual afirma que a aquisição da língua é provinda de um órgão mental, como se fosse uma faculdade psicológica presente em cada indivíduo:

A faculdade de linguagem pode razoavelmente ser considerada como "um órgão linguístico" no mesmo sentido em que na ciência se fala, como órgãos do corpo, em sistema visual ou sistema imunológico ou sistema circulatório. Compreendido deste modo, um órgão não é alguma coisa que possa ser removida do corpo deixando intacto todo o resto. Um órgão é um subsistema que é parte de uma estrutura mais complexa (CHOMSKY, 2015, p. 1).

Steven Pinker, baseando em Chomsky, fala que a "linguagem é um instinto humano instalado em nosso cérebro, ou seja, existe um dispositivo que é ativado na mente quando a criança alcança certa idade, por isso lembramos apenas de certo momento de nossa infância" (PINKER, 2002, pg. 5). Com isso, ele quis dizer que não aprendemos a língua com nossas experiências provindas das relações sociais, como muitos pensavam antes do gerativismo, mas já nascemos com essa capacidade e que até um determinado período da nossa vida (até a puberdade) conseguimos aprender qualquer língua sem maior dificuldade. Em seu livro, *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*, Pinker (2002) aponta o fator da

linguagem como um instinto humano e que a mente, desde o nascer, já possui características próprias que darão origem a capacidade da fala:

A linguagem não é um artefato cultural [...]. A linguagem é uma habilidade complexa e especializada, que se desenvolve espontaneamente na criança, sem qualquer esforço consciente ou instrução formal, que se manifesta sem que perceba sua lógica subjacente, que é qualitativamente a mesma em todo indivíduo, e que difere de capacidades mais gerais de processamento de informações ou de comportamento inteligente (PINKER, 2002, p. 9).

Segundo Chomsky (2015), a capacidade de compreender e produzir a linguagem advém de princípios universais que constituem o órgão da linguagem, princípios estes também chamados de **gramática universal (GU)**. Quando há estímulos externos na aquisição de determinada língua, esse órgão age sobre esse estímulo e produz a aquisição de uma língua específica.

Outras noções usadas pelo gerativismo e que fazem parte da aquisição da linguagem são as dicotomias de **competência e desempenho**. Esta primeira consiste no saber linguístico que temos em nossa mente, assemelha-se com a aquisição da língua segundo a teoria gerativa; já o desempenho tem a ver com o saber adquirido em meio as nossas relações sociais. Essa última noção se difere da aquisição da língua de Chomsky, pois enquanto outros movimentos, como o estruturalismo e o behaviorismo, por exemplo, limitavam seus estudos da língua a dados linguísticos produzidos pelos indivíduos como: palavras, frases, textos etc. o gerativismo atribui seu estudo da língua a fatores inatos ao indivíduo. O estruturalismo, cujo principal representante foi o linguista Ferdinand Saussure, defende que a língua é um sistema de signos e exterior aos indivíduos, portanto esta deve ser estudada separada da fala a língua não é um conglomerado de elementos heterogêneos; é um sistema articulado (LIMA; FELIPETO, 2013; MARTINS, 2015).

Para essa teoria, a língua é um objeto basicamente social. Já Chomsky considera que assim como outros órgãos do corpo humano, a linguagem sofre influência do meio externo ao qual está submetida, mas está se desenvolve a partir de características presentes em cada indivíduo, independentes da sociedade e da cultura em que eles estão situados, ou seja, o fator social serve apenas de contribuinte para o amadurecimento da capacidade linguística.

A aquisição da linguagem na perspectiva behaviorista, segundo Skinner (2015), acontece num processo de imitação passiva, a criança fala o que ouve dos adultos que a rodeiam. Para essa teoria, o fator social desempenha um papel fundamental no processo de

aquisição, já que a criança, por ela mesma, não é considerada capaz de desenvolver a linguagem, dependendo de fatores externos para que esse desenvolvimento aconteça.

Chomsky contrapõe, afirmando que se a linguagem fosse aprendida como em um jogo de repetição, só seríamos capazes de falar o que ouvimos, mas na verdade não é isso que acontece, pois quando uma criança fala uma língua ela demonstra saber muito mais do que aquilo que ouviu, ou seja, ela mostra ser capaz de produzir um número infinito de expressões gramaticais a partir de um conjunto finito de elementos e princípios linguísticos. O linguista ainda diz que cada sentença que enunciamos é uma nova combinação de palavras, que aparece uma única vez, e não tem como um indivíduo conter um repertório de respostas (PINKER, 2002). Isso só se explica pelo fato do cérebro conter algum dispositivo capaz de criar um número ilimitado de sentenças com um conjunto finito de palavras. Chomsky fala que:

Mesmo conhecendo-se muito pouco sobre os universais linguísticos, poderemos ter certeza de que a possível variação da língua é bem limitada... A língua que cada pessoa adquire é uma construção rica e complexa que não se justifica pelos parcos e fragmentos dados disponíveis [para a criança]. No entanto, os membros de uma comunidade linguística desenvolvem essencialmente a mesma língua. Esse fato só encontra explicação na hipótese de que esses indivíduos empreguem princípios altamente restritivos, que dirigem a construção da gramática (PINKER, 2002, p. 15).

Assim, mesmo sem estímulos suficientes do meio externo, conseguimos adquirir uma língua porque nascemos com essa capacidade, com princípios gerais que contribuem para organizar os estímulos verbais em estruturas complexas.

A GRAMÁTICA GERATIVA

A gramática gerativa contraria todo e qualquer pensamento de que a mente humana seja como uma caixa vazia, defendendo que a mesma apresenta abundantes estruturas, composta por diferentes órgãos com funções específicas. Isso se pode notar na observação do comportamento das línguas, em que se percebe que há regras que fazem parte do conhecimento gramatical interno do falante.

Chomsky atribui aspectos linguísticos pertencentes a uma criança, como a criatividade do falante que é a sua capacidade de emitir e de compreender frases inéditas, a fatores dessa gramática interna, pois, segundo ele, para a construção de frases é preciso seguir regras que definem a sequência de palavras, o que comprova que a linguagem está interligada às características inerentes a espécie humana, reafirmando assim seu caráter universal, cuja linguagem é provinda de uma predisposição biológica cognitiva e contém parâmetros que

serão definidos pela influência do ambiente externo. Os argumentos utilizados por Chomsky para validar a teoria da gramática universal são os seguintes:

(...) a criança, que é exposta normalmente a uma fala precária, fragmentada, cheia de frases truncadas ou incompletas, é capaz de dominar um conjunto complexo de regras ou princípios básicos que constituem a gramática internalizada do falante. (...). Um mecanismo ou dispositivo inato de aquisição da linguagem (...), que elabore hipóteses linguísticas sobre dados linguísticos primários (isto é, a língua a que a criança está exposta), gera uma gramática específica, que é a gramática da língua nativa da criança, de maneira relativamente fácil e com um certo grau de instantaneidade. Isto é, esse mecanismo inato faz “desabrochar” o que “já está lá”, através da projeção, nos dados do ambiente, de um conhecimento linguístico prévio, sintático por natureza (SCARPA, 2001. p. 4).

Como a gramática universal é uma faculdade mental formada por um conjunto de regras que nos permite produzir e compreender frases gramaticais, após o domínio de duas palavras, as crianças começam a desenvolver seu vocabulário e o conhecimento dessas regras de construção da língua presentes na GU, adquirindo, assim, seu sistema fonológico e morfológico, melhorando a pronúncia das palavras, e rapidamente, mesmo sem estruturas complexas para isso, começa a se aproximar da gramática adulta. Um pouco mais tarde a criança começa a desenvolver a sintaxe, na qual ela consegue combinar as palavras na construção de frases (KENEDY; MARTELOTA, 2008).

Portanto, o processo de aquisição da linguagem engloba os sistemas: fonológico, semântico, sintático, morfológico e pragmático. Sendo a linguagem, então, uma capacidade inata, os falantes de determinada língua constituem um léxico mental, formado pelo conjunto de palavras de sua língua. E ao adquirirmos uma língua, a nossa capacidade inata nos permite fazer o reconhecimento fonológico dos sons específicos de nossa língua e reproduzi-lo. Da mesma forma acontece com a sintaxe, que reúne as palavras para formar frases. E como as palavras possuem uma estrutura interna, ela é especificada pela morfologia. Já o significado e a caracterização do contexto social e cultural das palavras nos são permitidos devido ao nosso conhecimento inato da semântica e da pragmática.

Diante disso a gramática gerativa se mostra uma grande aliada no ensino de língua portuguesa, apesar da gramática normativa, que foca em normas, exercer um papel de quase domínio em sala de aula. No entanto, isso está mudando e o gerativismo está ganhando espaço entre os Parâmetros Curriculares Nacionais, que, mesmo sem esclarecer o tipo de metodologia a ser usada, frisa que no ensino de língua portuguesa existem várias competências e habilidades que devem ser focadas, partindo, portanto, do ensino de gêneros textuais, com texto e contexto.

TEORIA GERATIVA E A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

Com o intuito de estudar cientificamente a linguagem, e na busca de explicar o fenômeno de sua aquisição, várias correntes se formaram, entre elas destacam-se: o gerativismo, o estruturalismo e o behaviorismo. Nas quais o fator social tem um papel importante para que o indivíduo consiga desenvolver a linguagem.

Na concepção chomskyana, a língua é um fenômeno interno ao falante, uma capacidade genética. Para comprovar sua teoria, o linguista aponta para o fato de que mesmo que submetêssemos um animal a certa língua e por determinado tempo, por mais evoluído que seja este, ele jamais aprenderá essa língua, ao contrário do que ocorreria com uma criança, pois esta facilmente consegue absorver os dados linguísticos em sua complexidade. (SCARPA, 2001).

Há quem diga que se fosse assim não explicaria um papagaio conseguir falar, mas o que acontece é que ele apenas repete um número limitado de sons que ouve e uma criança tanto reproduz os sons que ouve quanto consegue criar novas sentenças com eles, sem que precise de nenhum aprendizado para isso (MAIA, 2006). Por exemplo, uma criança que fala “cabeu” ao invés de “coube”, tenta conjugar o verbo caber no passado, e isso ninguém lhe ensinou e nem ela ouviu palavra do tipo. Isso só acontece devido à gramática que nos é internalizada.

Um ponto curioso é que se nascemos com uma língua inata, uma pessoa que nunca teve um contato social, ou que seja surda, por exemplo, e, portanto, não conhece nenhuma língua, deveria desenvolver essa capacidade sozinha, mas na realidade não é o que acontece. Esse fato também é explicado por Chomsky, o qual reforça que o fator social exerce um papel importante para o amadurecimento da nossa capacidade linguística (PINKER, 2002). Da mesma forma que não nascemos falando devido ao período de tempo que levamos para aperfeiçoar nossa capacidade, assim como precisamos desse mesmo período para aprender a andar.

As hipóteses levantadas por Chomsky entram em contradição com os estudos linguísticos realizados até então, os quais consideram a língua como um fator externo. O estruturalismo (século XX) cujo principal representante foi o linguista Ferdinand de Saussure, foi uma das correntes mais importantes no estudo da aquisição da linguagem. Saussure busca distinguir o conceito de língua e de fala, sendo esta primeira um fenômeno externo, uma parte social da linguagem, e a segunda corresponde a um fator biológico, particular a cada

indivíduo. Assim, criou-se em seus estudos a noção de signo linguístico, o qual consiste na união entre significante (trata-se da imagem acústica, mas não está relacionado ao som material, e sim à impressão psíquica), e significado (conceito), ou seja, quando falo a palavra cadeira, a mente logo reproduz uma imagem que nos remete ao conceito de cadeira, objeto. Ele ainda estabelece as relações sintagmáticas e associativas do signo linguístico (MAIA, 2006). As quais consistem nas associações que fazemos ao ouvir uma palavra. Por exemplo, quando escutamos a palavra Nordeste, logo estabelecemos uma relação de associação com tudo que está relacionado com o Nordeste: seca, clima quente, sertanejo matuto, panela de barro etc.

O gerativismo frisa que a língua não é um produto externo e sim uma capacidade biológica, para isso aponta o fato de toda criança, independente do lugar no mundo em que viva, começar a desenvolver sua capacidade de falar mais ou menos na mesma idade, por volta de um a dois anos de idade, bastando para isso que haja algum contato social com a criança, o qual vai definir o idioma que está vai adquirir. Os behavioristas acreditavam que esse comportamento correspondia a um processo de imitação externo, mas os gerativistas enfatizam que esse fenômeno faz parte de uma gramática interna que todo falante possui dentro de si, mentalmente, e que se desenvolve e toma forma com o tempo. Por isso que a sintaxe é tida como centro de estudo do gerativismo.

A teoria gerativa surgiu em oposição ao behaviorismo radical de Skinner (2015), o qual afirma que um indivíduo que fala determinada língua não possui nenhum tipo de conhecimento desta; este indivíduo aprendeu um conjunto de comportamentos (interação do organismo com o ambiente) que permitem a ele responder apropriadamente em situações de interação realizadas em determinada língua.

Para o Behaviorismo, a mente de uma criança é como um papel em branco, o qual deve ser moldado com a interferência dos adultos que a rodeiam. E isso ocorreria através do processo de estímulo e reação. Quando esse estímulo é verbal, escrito ou oral, e a resposta dada não corresponde ao estímulo proposto, a relação entre eles é puramente arbitrária. Esse comportamento “intraverbal” ocorre quando, por exemplo, dizemos a palavra “sapato” quando o que lemos é “butina”, essas informações nos vêm, geralmente, por meio de decoração/memorização, a mesma que nos faz aprender um número de celular ou o alfabeto do nosso idioma em uma sequência etc. Portanto, todo conhecimento, inclusive o linguístico, provém unicamente da experiência, limitando-se ao que pode ser captado do mundo externo, pelos sentidos, ou do mundo subjetivo, pela introspecção, sendo deixadas de lado as verdades inatas do racionalismo.

Chomsky contrapõe-se a essa afirmação acrescentando em seus argumentos a teoria da pobreza de estímulo, afirmando que as informações linguísticas as quais as crianças são impostas dão poucas informações sobre a propriedade da linguagem para desenvolver o sistema complexo da linguagem e ainda a criatividade linguística (PINKER, 2002). Ou seja, se esse sistema não lhe fosse inato, não teria como a criança saber tanto sobre o sistema linguístico com tão poucas informações vindas do meio externo. O que comprova que temos propriedades inatas que nos leva a produzir e compreender a linguagem.

COMPREENDER O PAPEL DA GRAMÁTICA NORMATIVA E DA GERATIVA NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Diante dessas concepções de língua, são propostos diferentes modelos teóricos que buscam descrever o sistema linguístico. Uma dessas gramáticas é denominada de normativa, que é a priorizada nas escolas e nas aulas de línguas, a qual prescreve regras, segundo as construções consideradas aceitas pela norma culta. Essa perspectiva, também conhecida como prescritiva, impõem regras com o intuito de controle social (POSSENTI, 1997).

Um exemplo de gramática normativa em sala de aula é quando estudamos ortografia. Na frase seguinte, por exemplo: “Gostou da carne?” “Comi **duzentas gramas**”. Pelas regras de ortografia da norma culta do nosso português “a grama” equivale à relva, a capim; a palavra “o grama” no masculino é que equivale à unidade de medida, de peso, então, nesse caso o correto seria: “Comi **duzentos gramas**”.

Palavras como estas costumam causar muitas vezes ambiguidade e até incompreensão, caso estas sentenças venham isoladas. Essas normas facilitam o entendimento das palavras, ajudando na comunicação, já que é padrão para todos os falantes de uma mesma língua. Também numa ocasião em que se exige formalidade, sempre se empregam as regras do falar culto da gramática normativa. Portanto, esse tipo de gramática contribui de forma significativa para nossa competência linguística.

No entanto, uma criança pode adquirir uma língua sem que saiba a gramática normativa dessa língua, e mesmo assim, esta não deixa de se comunicar. Portanto, seria mais adequado que em sala de aula houvesse uma maior contribuição para o desenvolvimento do saber linguístico da criança, assim como sua criatividade verbal que lhe é inata, sem se deter em regras que estabeleçam uma forma mais “certa” ou “bonita” de se escrever ou falar (MAIA, 2006, pg. 36).

Os gerativistas procuram compreender como a intuição, sobre as estruturas sintáticas de uma língua, ocorre na mente dos falantes. E buscam constituir um modelo teórico capaz de descrever e explicar a natureza e o funcionamento dessa faculdade. A partir daí, foram construindo-se os modelos teóricos chomskyanos do gerativismo: a gramática transformacional e a gramática universal.

Como já possuímos uma gramática interna, a GU, conseguimos distinguir frases gramaticais e agramaticais da língua específica a qual adquirimos, mesmo sem utilizar os conhecimentos da gramática normativa. Por exemplo, na nossa língua portuguesa conseguimos entender frases do tipo: “*Nossa Senhora do Rosário está me guiando nessa caminhada*”, mas se esta frase estiver escrita dessa forma: “*Está caminhada nessa Nossa Senhora do Rosário me guiando*”, todo falante da língua portuguesa, independente de conhecer regras gramaticais ou não, entende que há aqui uma inadequação. Esse conhecimento inconsciente que o falante possui e que é comum a todas as línguas, portanto, não varia, é chamado por Chomsky de **competência** linguística.

Ao adquirirmos uma língua específica, os dados da língua particular a que somos expostos é acionado e o resultado é um complexo de parâmetros, isto é, especificações particulares dos princípios gerais. Dessa forma, a gramática universal é formada por regras (princípios) invariáveis que são aplicáveis do mesmo modo para todas as línguas, e também possui parâmetros de variação, responsáveis por especificar propriedades variáveis de línguas particulares (MAIA, 2006). Esses princípios invariáveis da GU nos permitem criar novas combinações para uma oração, a partir do Princípio de Encaixe ou de Recuo. Por exemplo:

- 1 - **Vanessa quer comer pipoca**
- 2 - Suêdia falou que **Vanessa quer comer pipoca**
- 3 - Uelda disse a Isabel para perguntar se **Vanessa quer comer pipoca**
- 4 - Isabel confirmou a Suêdia e Uelda que realmente **Vanessa quer comer pipoca**

Usando esse encaixamento de orações em outras e com nossa competência linguística, podemos criar ilimitadas sentenças gramaticais, no entanto, o desempenho, que é o responsável pela realização efetiva da linguagem, consegue formar um número limitado de sentenças, numa base de meia dúzia (MAIA, 2006, pg. 34).

Em sua teoria, Chomsky defende que todo ser humano possui uma gramática internalizada. Com isso, ele quis dizer que em nossa mente possuímos mecanismos que comportam estruturas de todas as línguas e os fonemas também, cabendo ao indivíduo, ao adquirir a linguagem, selecionar o que será usado e excluir o que não lhe servirá. Ou seja, para uma criança falar, ninguém precisa lhe ensinar; como ela já possui todas as estruturas

essenciais para a aquisição da linguagem, ela consegue adquirir uma língua apenas observando algum falante dessa língua. Portanto, quando uma criança observa a fala de um adulto, ela está observando as regras que este utiliza na sua comunicação, logo, então, ela assimila e internaliza esses dados e cria as próprias regras ao falar em repetição ao que foi observado. Mas essa internalização simultânea só lhe é possível durante o seu período crítico, ou seja, antes da puberdade, período em que nosso cérebro está propício para aprender (MAIA, 2006; VASCONCELLO, 2015).

Na aquisição de cada língua, é necessária a identificação de seu sistema fonológico, sua morfologia, seu léxico, sua sintaxe e o conhecimento de suas relações semânticas. A sintaxe vai estar no centro de estudo do gerativismo, pois como o ser humano carrega uma gramática internalizada, quando as crianças passam a formar frases de duas palavras, ela está pondo em prática as regras da sintaxe: a capacidade de combinar palavras para formar frases.

A sintaxe gerativa busca explicar a estrutura da linguagem, estabelecendo de que forma os elementos se juntam para formar os constituintes (unidades significativas). Esta se constitui de duas partes: uma que define as estruturas fundamentais – a base, e a que permite passar das estruturas profundas, geradas por essa base, para as estruturas de superfície das frases – as transformações. Ou seja, a sintaxe é um mecanismo gerativo no qual se situa as informações pertencentes aos princípios e aos parâmetros, estas que irão reger o processo de construção das estruturas linguísticas. Portanto a gramática transformacional nos permite conhecer a base que rege uma sequência linguística. Por exemplo, na frase:

Vanessa está bonita!
(SN) (SV) (SA)

A estrutura dessa sentença é constituída por um sintagma nominal (SN), um sintagma verbal (SV) e um sintagma adjetival (SA): numa relação sujeito e predicado. Assim como está, essa sentença é abstrata, ela só será convertida numa frase efetiva quando passar pelas regras de comportamento fonológico e morfológico, este último responsável pelos morfemas - unidades mínimas significativas das palavras. Feito isso, o papel do léxico, tipo de dicionário mental responsável pela armazenagem das palavras de uma língua, é definir esse morfema, no exemplo citado, ele vai classificar o morfema “Vanessa” como substantivo feminino, portanto se a base for S+V+C, o léxico substitui cada um desses símbolos por palavras, ou seja, vai acontecer as regras de transformação em que transforma uma estrutura profunda (sintagmas) em uma estrutura superficial (morfemas). Através das relações semânticas compreendemos se essa frase possui um significado aceito dentro de uma língua ou não (BALIEIRO JR; MUSSALIM; BENTES, 2001; CHOMSKY, 2015).

A gramática normativa, à medida que dita regras que obrigatoriamente devem ser seguidas, se distânciava do saber inato dos indivíduos, por não reconhecer a competência natural do falante, deixando de ampliar a sua capacidade de compreender e expressar a sua experiência do mundo, em seus múltiplos aspectos. A gramática gerativa em sala de aula defende a ampliação da competência do falante, deixando que este faça uso de sua criatividade. Em relação às regras o gerativismo funciona de forma que, além de ditar regras, deve-se dizer o motivo destas serem criadas e estarem sendo usadas, para que o aluno compreenda que caso não seja assim, ocorrerá uma inadequação na linguagem, prejudicando a compreensão comunicativa desta frase. Portanto, esta última gramática não adota os termos frase correta ou incorreta, como na da Gramática Tradicional, mas sim frase bem-formada ou malformada.

Por mais diferente que sejam essas duas gramáticas, sendo que uma é contrária a outra, pensar nas duas trabalhando juntas, em comunhão com o aperfeiçoamento da nossa comunicação, é como pensar num liquidificador, com suas muitas potências; o liquidificador com um apoio externo consegue triturar uma pequena quantidade de alimento que seja de fácil trituração, mas em se tratando de uma quantidade maior desses alimentos, para que este fique bem homogêneo, chegando a sua totalidade, é necessário uma potência maior (SOUZA et al., 2015). Da mesma forma é a gramática interativa, por si só ela já possui sua competência, mas se potencializada com o conhecimento das regras que compõem os códigos linguísticos, presente na gramática normativa, conseguimos falantes competentes de língua portuguesa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho, objetivamos analisar como se dá a aquisição da linguagem segundo a teoria gerativa do linguista Noam Chomsky e os argumentos usados por ele para viabilizar sua teoria. Este defende que o ser humano é capaz de compreender e produzir a linguagem verbal sem precisar de aprendizado para isso, portanto possuímos uma gramática universal que agindo em conjuntos com estímulos externos resultam na aquisição de uma língua. Vimos neste trabalho que o fator social usado no gerativismo como responsável pelo amadurecimento da língua contrapõe-se as concepções estruturalistas e behavioristas, já que, nestas duas, a língua provém das relações sociais. Além disso, como possuímos uma gramática interna, procuramos entender como está se aplica em sala de aula, contribuindo, junto com a gramática normativa, para o ensino de língua portuguesa.

O gerativismo foi uma corrente importantíssima para os estudos linguísticos, através dela o estudo da aquisição da língua mudou de foco. A gramática gerativa está cada vez mais ganhando espaço junto aos Parâmetros Curriculares Nacionais, que, mesmo de forma implícita, adotaram pressupostos básicos gerativistas, que incluem: “faculdade de linguagem”, “competência”, “criatividade” e conhecimento prévio do aprendiz.

Assim, pudemos conhecer mais a fundo a teoria de aquisição da linguagem numa abordagem gerativista, na qual a língua nos é inata devido possuímos uma faculdade da linguagem e o fator social é de fundamental importância para o desenvolvimento de nossa capacidade de falar. Também conhecemos como a gramática gerativa e a normativa se apresentam em sala de aula e como as duas contribuem para o ensino/aprendizado da língua portuguesa.

Enfim, desenvolver esse artigo voltado para tal temática foi imprescindível, já que compreender e saber como funciona o processo de aquisição da linguagem nos indivíduos contribui para o ensino/aprendizado de uma língua.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALIEIRO JR, Ari Pedro. Psicolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.2. São Paulo: Cortez, 2001. p.171-201.

CHOMSKY, Noam; Entrevista. Disponível no site: _ Acessado em: 10 set. 2015.

KENEDY, Eduardo. Gerativismo. In: MARTELOTTA, Mario et al. (Org.). **Manual de Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008, pag. 23 a 35.

LIMA, Danielle Belarmino de; FELIPETO, Sonia Cristina Simões. **A contribuição de Ferdinand de Saussure para a compreensão e análise de dados em aquisição da linguagem escrita**: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/download/10665/7566/> Acesso em: 21/08/2015

MAIA, Marcus. **Manual de Linguística: subsídios para a formação de professores indígenas na área de linguagem**. Brasília: MEC/UNESCO, 2006.

MARTINS, Ronaldo. **Aquisição da Linguagem**: www.ronaldomartins.pro.br/psicolinguistica/scarpa.pdf Acessado em 22/08/2015.

NÓBREGA, Mônica; LEITÃO, Marcio Martins. **Teoria Linguística I**. João Pessoa: UFPB Virtual, Ed. Universitária UFPB, 2008.

PINKER, Steven. **O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA, Maria De Lurdes da; GARCIA, Suelen Campos. Recanto das Letras. **Estruturalismo Linguístico**: www.recantodasletras.com.br/artigos/3061959. Acessado em 22/08/2015.

SCARPA, Ester Mirian. Aquisição da linguagem. **Introdução à lingüística: domínios e fronteiras**, v. 2, p. 203-232, 2001.

SKINNER, Burrhus Frederic. **O comportamento verbal**: www.ufscar.br/~bdsepsi/254a Acessado em 23/08/2015.

SOUZA, André Luiz; HERMONT, Arabie Bezri; CHIARETTI, Avany Pazzini; SANTO, Rosana Silva do Espírito; CAVALCANTE, Sandra Maria Silva; ASSUMPCÃO Solange Bonomo. **Pequena Enciclopédia Virtual**, acesse o link da revista: Gerativismo – PUC Minas: www.pucminas.br/destaques/index_interna.php?pagina=2519. Acessado em 22/08/2015.

VASCONCELLOS, Maria de Fátima Barboza. **As fases do desenvolvimento da criança**: www.ebah.com.br/content/.../as-fases-desenvolvimento-crianca?part=2 Acessado em 22/08/2015.